



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS DRA JOSEFINA DEMES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



VITÓRIA JOSYELLY BUENO RIBEIRO

MONTE SANTO: VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E ANCESTRALIDADE

FLORIANO-PI

2025

R484m Ribeiro, Vitória Josyelly Bueno.

Monte Santo: vivências religiosas e ancestralidade / Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. – 2024.

22 f.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura em História, *Campus Dra. Josefina Demes*, Floriano-PI, 2024.

“Orientador Prof. Me. Gisvaldo Oliveira.”

1. Monte Santo. 2. Catolicismo. 3. Umbanda.
I. Título.

CDD: 981

MONTE SANTO: VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E ANCESTRALIDADE

Vitória Josyelly Bueno Ribeiro¹

Resumo: Este trabalho busca analisar as vivências religiosas mantidas pelos praticantes do catolicismo e da Umbanda na localidade Monte Santo. Sendo uma comunidade conhecida por sua forte presença e prática afro-religiosa, discutimos neste artigo o sentido da religiosidade para as pessoas que vivem nessa região e são sinônimos de luta e resistência pelos seus históricos relacionados ao sincretismo religioso a partir de suas vivências interpessoais. Tal sincretismo se dá pela coexistência do culto à invocação mariana de Nossa Senhora da Saúde e, no segmento da Umbanda, de dois terreiros chamados Tenda São Benedito e Tenda São Francisco, além das tradições como rezadeiras e benzedeiras que trabalham religiosamente com a cura através das ervas. A comunidade também é marcada pela antiga tradição de subida ao Morro Sagrado, ocorrida anualmente no mês de abril, onde a população se reúne, de acordo com suas crenças, para subirem juntos ao Morro, em silêncio, numa procissão religiosa. Utilizamos a História Oral como principal metodologia, operacionalizando entrevistas e fotografias dos principais personagens que configuram o tema. O aporte teórico é constituído por autores como Anthony Giddens (1991) e Solimar Oliveira (2022), respectivamente, referenciando-os a partir dos conceitos de Umbanda e Antropologia.

Palavras-chave: Monte Santo. Vivências Religiosas. Ancestralidade. Catolicismo. Umbanda.

Abstract: This work aims to analyze the religious experiences maintained by practitioners of Catholicism and Umbanda in the Monte Santo location. Being a community known for its strong Afro-religious presence and practice, the researcher will discuss the meaning of religiosity for people who live in this region and are synonymous with struggle and resistance due to their histories related to religious syncretism based on their interpersonal experiences. Such syncretism occurs through the cult of the Mariana invocation of Our Lady of Health and the Umbanda segment highlighting two terreiros called Tenda São Benedito and Tenda São Francisco, in addition to traditions such as prayers and faith healers who work religiously with healing through herbs. The community is also marked by the ancient tradition of climbing the Sacred Hill annually in the month of April, where the population gathers, according to their beliefs, to climb the Hill together, in silence, in a religious procession. This work is considered relevant from a social point of view as it should help to grow the great cultural resistance present in the community, taking into account mainly respect for their beliefs and diversity.

Keywords: Monte Santo. Religious Experiences. Ancestry. Catholicism. Umbanda.

¹ Acadêmica de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí — UESPI. Gmail: vitoriaribeiro@aluno.uespi.br

INTRODUÇÃO

É impossível discutir sobre as religiosidades no Brasil e não tratar sobre o preconceito e o racismo religioso que existem na sociedade há mais de 500 anos. No que se refere às religiões de matrizes africanas, é nítido que estas são as que mais sofrem intolerância em todo o país², tendo suas histórias contornadas por narrativas racistas e de inferioridade, práticas que negam a resistência dos povos de terreiro que lutam incansavelmente todos os dias para continuarem vivos.

No sentido de contrapor os estereótipos negativos sobre a religiosidade de matriz africana, este trabalho situa as religiões afro-brasileiras a partir de uma perspectiva que posiciona seus adeptos como sujeitos vivos, cujo os nomes são citados antes da referência ao racismo. Nesse sentido, nosso olhar se volta para o Monte Santo, comunidade localizada no município de Francisco Ayres, região sul do Piauí, reconhecida como referência de luta, pertencimento e símbolo de resistência contra o preconceito, a discriminação racial e o racismo religioso no Piauí e em todo Brasil.

É fato que existe uma grande ausência de pesquisas que consigam dimensionar a influência desses espaços de inter-relação cultural e religiosa para a formação dos sujeitos. É movido por essa necessidade de expandir as discussões que fazem referência a esse objeto de estudo, que justificamos a necessidade de pesquisar sobre a comunidade Monte Santo. A escolha da referida comunidade se deve à grande influência que a pesquisadora tem a partir de suas vivências pessoais, provocando um interesse de demonstrá-lo e problematizá-lo como símbolo de resistência e exemplo para sociedade.

O Monte Santo é constituído por mais de 56 famílias que vivem numa diversidade cultural e religiosa, onde predominam as religiões católica e umbandista. Como a própria comunidade costuma dizer, “Monte Santo é um lugar rico daquilo que dinheiro não compra”, reconhecido por toda população como um local sagrado, tornando-se um ponto de paz para quem habita e para quem visita. Sendo sustentado por vários costumes e tradições dos seus ancestrais, os habitantes enxergam o sagrado em todos os lugares. Seja no tempo, nas pessoas, nos eventos, na terra, nas folhas e até nas águas. O sentido da

² “Segundo dados do portal Disque 100, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram registrados 477 casos de intolerância religiosa em 2019, 353 casos em 2020 e 966 casos em 2021.” JORNALISMO, Poder360. **Relatório aponta aumento da intolerância religiosa no Brasil.** Poder 360. 23 de janeiro, 2023.

religiosidade vai além das práticas espirituais vividas dentro dos templos de igrejas ou terreiros, mas como um verdadeiro modo de vida e referência de poder. Como o próprio Morro que é considerado sagrado pela comunidade, evidenciando uma simbologia religiosa para além dos seus templos. Já que, para além da religião, a maioria dos moradores sobem ao Morro para realizar suas preces, referenciando-o como parte da tradição da comunidade.

Sobre as interlocuções entre o humano e o sagrado, Émile Durkheim explica que “o sentimento de sagrado teria origem na própria vida social. O que o homem religioso adora, por meio de sua religião, é a própria sociedade, seus valores, suas visões de mundo”³. Para este autor, as atitudes para com o sagrado vão além da religião, compreendendo outras pontes que ligam ao aspecto social. Para os comunitários, sua maior riqueza material e imaterial é o que dá sentido ao nome Monte Santo: o morro sagrado. Esse morro, que será abordado de forma mais profunda adiante, é considerado uma região sagrada pelas práticas religiosas que ocorrem no local. Nos meses de abril, a cada ano, boa parte dos moradores se reúnem para subir o monte com suas guias, terços e velas, onde celebram a santa Nossa Senhora da Saúde⁴ no catolicismo e, ao mesmo tempo, saúdam os caboclos e o orixá Oxóssi, donos das matas, para fazer a retirada das folhas de alecrim e alfazema, algumas das principais ervas de cura da Umbanda.

De toda a região, conforme avaliação feita pelos moradores da localidade, a exemplo de Francisco Moraes, primeiro artesão da comunidade, o espaço já causa admiração aos visitantes pelo fato de que uma das primeiras residências a compor a comunidade é uma tenda religiosa da Umbanda que recebe o nome “Tenda São Francisco”, criada pelos ancestrais da primeira moradora da região, dona Silveria, mulher negra, símbolo de resistência e persistência ao continuar seguindo as tradições religiosas dos seus pais. Ao falar em continuidade, podemos citar, ainda, dona Josefa Bueno, grande referência de força e luta, pois foi a fundadora do segundo terreiro de Umbanda da região, que recebeu o nome de Tenda São Benedito, e que é liderado há mais de 20 anos por Josefa. Sua trajetória é marcada por muitas feridas, dentre elas o fato de ter que sair da localidade onde nasceu para buscar melhorias de vida. Josefa honra suas raízes e diz que encontrou na comunidade Monte Santo o acolhimento que ela precisava para continuar sua cultura ancestral.

³ MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidade. **História: Questões & Debates**, v.43, n.2, 2005.

⁴ Invocação mariana cultuada, em especial modo, em Portugal.

[...] Às vezes aqui na igreja, mas elas sempre vão sempre ver, me fazer uma visita. Demora pouco, mas sempre vai assistir. Outra hora procuram benzendo, e aí então voltam e vão simbora. Mas sempre me arrodeiam. Me dá aquele prazer de eu não tá sozinha. Meus filho tudo longe, então a minha confiança é os vizinho, a família que minha mais forte é os vizinho. Que na hora que eu sentir um pesadelo na minha cabeça, uma doença, eles tão a socorrer.⁵

Entender como as religiões católica e umbandista dialogam entre si de forma harmônica, é imprescindível para que aprendamos ainda mais sobre a importância de se preservar as memórias, além de refletir sobre uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Nesse sentido, o eixo central deste trabalho é analisar a história do Monte Santo, de modo a fortalecer suas tradições, memórias, modos de ser e fazeres, que tornam essa pequena comunidade um laço grande e único de afetividades, respeito e amor ancestral. Como religião afro-brasileira, a Umbanda nasceu no Rio de Janeiro, em meados do século XX, com a valorização de entidades nacionais como os Pretos Velhos e Caboclos⁶ e, apesar de manter os ritos cantados como o candomblé, que é de matriz africana, há uma forte ligação com a Igreja Católica. A santa Nossa Senhora da Saúde é a padroeira da comunidade e se encontra no centro da localidade Monte Santo.

A Umbanda, sendo uma atividade religiosa, é uma prática social porque há um diálogo intermitente entre seres sociais que se organizam e que cultuam com base na estrutura da religiosidade. Assim, até mesmo para podermos construir um diálogo mais propício entre as práticas sociais e a Umbanda, urge tentar explicar de que forma os pesquisadores a entendem.

Para Solimar Oliveira, essa religião é identificada como “manifestações religiosas com características híbridas, que utiliza os conhecimentos ancestrais afro-ameríndios relacionando as práticas católicas com práticas místico-espirituais. Que nas suas práticas há rezas, novenas, benzimento de pessoas doentes”⁷. No Monte Santo, o uso de ervas é fundamental para a prática de cura física e espiritual. Como as ervas de alfazema, guiné, alecrim e jurema que são utilizadas para fazer chás, rezas e limpeza nos espaços domiciliares. Práticas que comprovam a pluralidade étnica e religiosa que compõem a Umbanda.

⁵ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.

⁶ PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes antropológicos**, v.4, p.151-167, 1998.

⁷ OLIVEIRA, Solimar. **Trabalho e Fé: Ofícios e modo de fazer em terreiros de Umbanda e Candomblé**. Editora Lótus Ltda., 2022.

Por fim, é importante salientar que esse objeto de estudo o qual demonstra sua diversidade cultural e religiosa através das experiências interpessoais de cada pessoa que com sua individualidade contribui com toda a região do município, tornando o Monte Santo um lugar reconhecido pela sua importante luta contra a intolerância religiosa, contra o racismo e em favor da coletividade.

A relação dos moradores com a religiosidade: a chegada da Santa Nossa Senhora da Saúde

Sabe-se que a vivência na zona rural não é tão acessível comparado à vida urbana, principalmente quando se tratam de fatores econômicos.⁸ Em suas vivências, dona Josefa Bueno expressar como a religiosidade a manteve de pé e foi um grande marco para fortalecer sua família e agir como fonte principal de esperança em relação à melhoria de vida para uma vida mais digna e confortável. Mãe de 7 filhos, residindo na localidade de Capivara (PI), Josefa precisava se deslocar para outros municípios em busca de alimentos e oportunidades de trabalho. Em entrevista concedida, aborda sobre a luta que enfrentava para conseguir sustentar seus filhos:

[...] Comprava os coquinho pra fazer azeite pra sair vendendo e começar a criação dos nossos filhos. Eram 7 filhos pra gente dar conta naquele tempo pelos caminhos da roça, ainda mais sem ser de nós. Dos outros. Pra gente quebrar milho, ganhar os cofinho, panhar o arroz e ganhando as mãozinha. E assim a gente passou até criar eles.⁹

Em expressão emocionada, Josefa desabafa sobre as dificuldades enfrentadas pela maioria dos trabalhadores do campo. Por não possuir terra, se tornava ainda mais distante a perspectiva de sustento para sua família. Josefa pôde contar sobre sua única riqueza, a fé em Deus e seus guias espirituais que nunca lhe faltou para enfrentar cada dificuldade. Ainda em Capivara, lugar onde nasceu e cresceu, além de participar dos festejos de Nossa Senhora da Saúde, Josefa praticava sua mediunidade dentro de um quartinho pequeno, no cantinho da casa, para cultuar suas crenças.

⁸ Desigualdade entre o campo e a cidade. Filha de Londrina, 2017, 12 de maio. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/opiniao/desigualdade-entre-o-campo-e-a-cidade-977458.html?d=1>

⁹ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.

Tinha o festejo da Nossa Senhora da Saúde, quando eu recebia era na sala. Na casa presente com todo mundo, mas o quartinho sempre eu tinha de reserva para a minha devoção ao culto. Quando eu ia fechava a portinha. [...] Não cabia rede nem negócio de cama, só era eu mesmo que tinha feito encostado lá na parede.¹⁰

Sua transição da localidade de Capivara (PI) para a comunidade Monte Santo se deu pela oportunidade de levar a imagem da Santa Nossa Senhora da Saúde para a referida localidade. Sendo passado de geração para geração, a santa Nossa Senhora da Saúde foi levada inicialmente do Ceará à Capivara pela avó de Josefa Bueno. Após a morte da cuidadora que a trouxe ao Piauí, a imagem passou a ser responsabilidade de Luiza, tia de Josefa Bueno. Dona Josefa, por sua vez, foi a receptora posterior da santa. Em entrevista, Josefa diz:

Eu saí da Capivara pelo interesse do futuro da terra pra gente trabalhar. A gente não tinha a terra. E a tia me frequentamos e nós viemos no futuro de criar as coisas melhor, com mais felicidade pra gente. [...] A busca pela água para quem nós se ajuntasse para hoje nós ter encanada, uma vida mais fácil que só a gente imaginava era a idade, que ficando bom de botar a cabeça na cabacinha e trazer pra casa. Foi muita alegria e muito emocionante, a chegada de Nossa Senhora da Saúde aqui.¹¹

Nota-se a expectativa de mudança de vida esperada por Josefa ao relatar, com entusiasmo, sobre o convite que recebeu de sua tia para levar a Santa Nossa Senhora da Saúde até a comunidade Monte Santo, tendo em vista a oportunidade da melhoria na qualidade de vida. Um exemplo de melhoria citado por Josefa é percebido na comparação da vida na comunidade Capivara e no Monte Santo: a entrevistada aponta que, no lugar onde moravam, era necessário um longo trajeto para conseguirem água para suprir as necessidades básicas da família, tendo cada membro que percorrer todos os dias o mesmo trajeto, com as cabacinhas, até o riacho. Já com a chegada ao Monte Santo, a família conseguiu se estabilizar morando próximo ao poço que distribuía água para toda a comunidade. A família de Josefa ficou responsável por zelar pela santa durante a construção da igreja na comunidade, erguida com arrecadação feita pelos próprios moradores e com doações e esmolas, obtidas principalmente durante os festejos.

¹⁰ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.

¹¹ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.



Figura 01: procissão¹² realizada em todos os anos, no mês de setembro, durante o festejo da santa Nossa Senhora da Saúde.

Fonte: acervo pessoal de Maria Bueno

Josefa também levou as divindades afro-religiosas que cultuava na Capivara (PI) para seu novo lar, o Monte Santo. Com o passar dos anos, em organização, Josefa criou o seu terreiro de Umbanda, que viria a ser nomeado de Tenda São Benedito, em 2007. Demonstrando uma pausa emocionada ao ser questionada sobre sua trajetória no terreiro, a entrevistada responde:

O terreiro São Benedito me representa muita luz, sabedoria. Eu não tenho entendimento de leitura e uma força de eu ir e ficar pensando lá, rezando os terçinho. [...] Me sinto adoentada as vezes, e quando venho de lá pra cá já é outra força no corpo. Outra coragem. [...] Hoje eu não tô me importando com preconceito. Se eles quiserem me acompanhar, se não quiserem eu sigo meus gosto do meu coração que me pede e àqueles que também tiverem com o bom coração de me acompanhar.¹³

Neste discurso, percebe-se uma positividade vindo da dona Josefa ao afirmar que recebe um apoio suficiente da comunidade para que ela dê continuidade às suas tradições religiosas na região. Entretanto, há uma divergência de realidades comparada à outra

¹² Marcha solene em que padres e outros clérigos desfilam carregando imagens veneráveis, seguidos pelos fiéis.

¹³ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.

moradora, que também é uma das principais personagens deste artigo: Dona Silveria Pereira, 72 anos, a moradora mais antiga da comunidade Monte Santo. Sendo filha do primeiro morador, João Pereira Lima, Dona Silveria diz que o festejo de São Francisco, recebido e guiado por seu pai, foi passado para a ela após a morte dele.

Aí o dono primeiro faleceu, meu pai faleceu, e eu fiquei festejando que eu prometi a ele. Esse negócio desse Santo aí ele foi amontado sob problema de doença, que quando minha mãe morreu, meu pai ficou com problema, aí já ficava pra cima e pra baixo. Nunca o véin melhorava. Aí arrumaram esse santo lá em Floriano.¹⁴

Com tom de voz trêmulo, Silveria relata em entrevista o quanto a fé em São Francisco fortaleceu toda sua família, tornando, por questão de honra, a responsável pela pequena tenda umbandista que leva o nome do santo italiano. Entretanto, depois da morte de seu pai, enfrentou várias dificuldades burocráticas em relação ao seu terreno e suas doutrinas religiosas.

Aí o meu irmão veio para vender o terreno dele, depois que o meu pai morreu. Aí eu disse pra ele: olha, não me importo que você venda seu terreno, você pode vender. Mas a frente de São Francisco aqui, ninguém vai comprar. Nem vai ser meu, nem vai ser de ninguém. É do santo. É pra quem quiser cuidar do Santo. Aí vai ser o dono, aquele que tiver cuidando, se aquele dono morrer, pode passar pra outro. São Francisco não é velho, toda vida é novinho¹⁵.

Pelos relatos em entrevista concedida à pesquisadora, Silveria demonstra um grande afeto à religiosidade que formou sua família e fica claro uma devoção ao sagrado. Porém, quando questionada sobre a passagem da tradição para a atual geração, bem como para as vindouras, demonstra um descontentamento. Atualmente, o terreiro de Umbanda Tenda São Francisco encontra-se fechado para o público. Silveria preferiu apenas cumprir com suas obrigações religiosas sem realizar cerimônias como o seu pai fazia.

Eu faço minhas obrigações direitinho também, e vou seguindo. Aí no dia que eu quero brincar eu vou lá pra onde Macilene e dona Zefa e nós brinca lá. Não adianta você querer amontar uma coisa pra você ficar dominando, sem o povo querer frequentar você. Aí você adoece mais, sabia? Aí você ficando quietinha no seu canto, no dia que você achar que tá precisando você sai, dar uma voltinha por acolá assim, e tá tudo bem.¹⁶

¹⁴ PEREIRA, Silveria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Abril. 2024.

¹⁵ PEREIRA, Silveria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI), Abril. 2024.

¹⁶ PEREIRA, Silveria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Abril. 2024.

Apesar da demonstração de angústia ao fazer esse relato, dona Silveria afirma que tem noção do seu importante papel de resistência e símbolo de fortalecimento para a comunidade Monte Santo. Pois apesar dos pesares, deu continuidade ao legado de sua família assim como prometeu ao seu pai. Com muita honra. Em meio a uma sociedade preconceituosa, Silveria não nega suas crenças e fala com orgulho sobre a sua ancestralidade, inspirando assim, as atuais gerações.



Figura 02: imagem representando um momento de festividade religiosa, culto aos caboclos na Tenda São Benedito. À esquerda, dona Silveria utiliza vestimentas azuis para representar seu orixá Iemanjá. À direita, dona Josefa com suas vestimentas vermelhas representando São Sebastião, que na Umbanda é representado pelo orixá Oxóssi.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Além de contribuir ativamente nas atividades religiosas da casa, dona Silveria deseja que o terreiro São Benedito, liderado pela Josefa Bueno, siga avançando pela necessidade de ajudar as pessoas que mais precisam. Conforme ela mesma afirma, “[...]

“Eu rezo, entrego pra Deus e Nossa Senhora, peço forças ao meu guia. Pode ser dentro da igreja, pode ser em qualquer lugar, porque eu me cuidei e fiz minhas obrigações certas”.¹⁷

O Morro Encantado



Figura 03: o Morro Encantado

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Neste trabalho, a pesquisadora buscou analisar como os moradores da comunidade Monte Santo vivenciam a religiosidade nas suas mais variadas formas, com relações harmônicas entre si. O fato mais curioso, dar-se pela grande devoção ao morro presente na comunidade, onde se deslocam pessoas de outros municípios para reverenciá-lo, anualmente, na época da Semana Santa.¹⁸

Geograficamente, o Morro tem uma abertura entre as rochas que se assemelha a um portal, causada por uma forte tempestade que despencou uma das rochas trazendo essa semelhança. Os moradores mais velhos se referiam a esse fator como encantaria. Consagrando assim, o Morro Encantado.

O ‘encante’ é um local afastado dos homens, descrito como misterioso, de muito poder e ‘reabastecimento de forças’, mas quando cercado ou interditado por alguém, isso pode resultar em muitas mortes. Portanto, representa também

¹⁷PEREIRA, Silveria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Abril. 2024.

¹⁸ A Semana Santa é uma tradição cristã que faz parte da celebração da Páscoa. É o momento que os cristãos relembram e celebram a última semana da vida de Jesus Cristo, passando por sua prisão, crucificação e ressurreição. Os eventos dessa semana são parte do que os cristãos chamam de Paixão de Cristo.

um lugar de grande risco. Segundo a mesma autora (2000), essas entidades podem habitar ainda árvores, matas, poços, baías, pedras, entre outros lugares.¹⁹

Partindo desse conceito, analisamos o relato da Maria Bueno, filha da dona Josefa Bueno e atual zeladora da Tenda São Benedito:

[...] Os nossos mais velhos desde criancinha que vem passando pra gente o quanto é importante aquele espaço. [...] Uma das histórias da minha tia-avó é que o morro era encantado, que lá tem uma porta que a gente não podia chegar perto, e eu passei a vistoriar o morro pra mim descobrir qual era a porta, porque eu queria saber qual era o portal.²⁰

Neste trecho da entrevista, é possível perceber na comunidade Monte Santo um respeito aos mais velhos e às suas histórias. Assim, entender o Morro atualmente como um espaço sagrado vai além de reconhecer a trajetória ancestral de seus antepassados, mas também permite fortalecer suas raízes para que não se percam na memória. A grande subida ao Morro é marcada por um momento de reflexão no qual cada morador segue a procissão antes do amanhecer, em silêncio, com seus terços e velas. Celebrando a Sexta Feira Santa de uma forma única, em comunhão.

[...] Panha o alecrim, pega a jurema, aroeira. E então nós vamos fazendo essa força e tendo fé. Reza o terço para as ervas nos servir e nos sentir bem com aquele banho que passar com elas. Na idade que eu tô mas subo lá sem me cansar. Todos que puder e quiser ir subir ao morro é público. Não tem caô. Quem tiver a fé pode subir. Nós reza o terço, toma aquele banquete de café e tudo que precisar e solta os fogos. Faz aquela alegria em cima do Morro.²¹

É importante ressaltar que o Morro é uma vivência religiosa que segue essa tradição desde os anos 1980, mas que não se limita a uma única religião, correspondendo a um exemplo de atividade ecumênica, onde duas religiões distintas coexistem entre si de forma pacífica e respeitosa. Celebra-se a santa Nossa Senhora da Saúde no catolicismo e ao mesmo tempo saúdam os caboclos e o orixá Oxóssi, dono das matas, para fazer a retirada das folhas de alecrim, jurema, alfazema, aroeira, e algumas das principais ervas

¹⁹ FERRETTI, M. (2008). Encantados e Encantarias no folclore brasileiro. Anais seminário ações integradas em folclore,6, (pp. 1-6). São Paulo: Comissão Paulista de Folclore/Abaçá Cultura e Arte. Recuperado em 13 de fevereiro de 2009, de <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Encantados%20e%20encantarias.pdf>

²⁰

²¹ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.

de cura na Umbanda, como é relatado em tom de orgulho pela entrevistada Josefa Bueno ao se tratar da subida ao Morro.



Figura 04: registro dos moradores no topo do Morro Encantado cumprindo suas rezas na Sexta-Feira Santa.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Um outro exemplo de fé em relação ao Morro relatado por Dona Silveria Pereira é o seu testemunho que conta de suas provações pessoais que envolvem a saúde e encontrou no Morro uma fonte de esperança.

Sabe aquele tempo do Corona Vírus ali, que as pessoas adoeciam e iam pra Floriano. Tinha deles que só voltavam no caixão. Aí um dia eu tava meio ruim aqui e sabe o que eu fiz?! – Eu olhei pro Morro Grande...e pra mim foi uma benção! Eu olhei pra aquele morro e olhei pro céu. Jurei a Deus que se durante dois anos, nem eu nem minha família morresse daquela doença, eu ia rezar um terço em cima do Morro Grande. Graças a Deus, venci e fui pagar meu voto lá em cima. Pra mim foi uma benção muito grande!²²

²² PEREIRA, Silveria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Abril. 2024.

Podemos concluir, então, a perspectiva da devoção em relação ao sagrado para os moradores da comunidade e a maioria dos próximos da região que conhecem a localidade e compartilham de testemunhos semelhantes aos da Silveria Pereira. Percebe-se o Monte Santo como uma comunidade que apresenta uma intersecção entre a Umbanda e o Catolicismo para além das práticas religiosas. O ato da subida ao Morro Sagrado é um exemplo de que a religiosidade nesse local é vista como um modo de vida em que as pessoas levam a sério as tradições religiosas que existem na localidade, fazendo com que se cultuem hábitos não necessariamente predominados pela doutrina da religião católica.

De acordo com Ivan Manoel:

A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos. Esse atributo humano não está referido a nenhuma religião específica, e é um domínio mais pertinente aos antropólogos e psicanalistas do que ao historiador. Por essa razão, as práticas da religiosidade, muitas vezes entendidas como bruxaria, feitiçaria, “espiritismo”, nada mais são do que manifestações não institucionalizadas da religiosidade e exatamente por isso são sincréticas, livres e além de qualquer ortodoxia dominante.²³

Nesse sentido, podemos entender que as tradições religiosas são múltiplas e não precisam se referir a uma religião específica para fazer sentido à uma comunidade. Haja vista que as tradições religiosas do Monte Santo são elementos de formação e enriquecimento da comunidade na construção de sua identidade própria, podemos partir do conceito de Antonny Giddens:

Nas culturas tradicionais o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade passado, presente e futuro, sendo estes, por sua vez, estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme isso assume sua herança cultural dos precedentes.²⁴

²³ MANOEL, Ivan. Ap. História, religião e religiosidade. Revista de cultura teológica, n. 59, p. 105-128, 2007.

²⁴ GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991, p.44.

Então, a partir da citação de Giddens, entendemos que a Umbanda incorpora essa “experiência particular” para poder falar das práticas sociais. Porque a Umbanda, sendo uma atividade religiosa, é uma prática social porque há um diálogo intermitente entre seres sociais que se organizam e que cultuam com base na estrutura da religiosidade.

A presença da Umbanda na comunidade



Figura 05: umbandistas da comunidade Monte Santo celebram a festa de Preto Velho na Tenda São Benedito, terreiro de Umbanda pertencente à referida localidade. Na imagem, registra-se a presença de visitantes não-praticantes da religião, aproveitando o prestígio de assistir à celebração.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

O nascimento oficial da religião Umbanda no Brasil remonta a data de 15 de novembro de 1908, quando ocorreu o episódio em que o médium Zélio Fernandino de Moraes ao ter incorporado a entidade chamada Caboclo das Sete Encruzilhadas, numa sessão espírita, realizada na Federação Espírita do Rio de Janeiro, sediada na época em Niterói, no Rio de Janeiro, a denominou de Alabanda. Por isso, Zélio Fernandino de Moraes é considerado o fundador, no plano material, da religião Umbanda tradicional, também, denominada de Umbanda cristã, Umbanda pura ou Umbanda branca. Ressaltamos que o dia 15 de novembro é considerado, em nosso país, como o dia nacional da religião Umbanda, assim instituído oficialmente no Terceiro Congresso Brasileiro de Umbanda, realizado em 1973, no Rio de Janeiro.²⁵

Partindo dos conceitos de Solimar Oliveira e Alexandre Cumino sobre a Umbanda, sabemos que a mesma surgiu como religião afro-brasileira já que cultua os

²⁵ CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda:** uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2010.

orixás do Candomblé personificados nos santos do Catolicismo. O que se refere ao sincretismo. Para Hulda Silva (2013), o sincretismo religioso é resultante de trocas simbólicas que são ressignificadas, mas que, entretanto, mantém alguns elementos originais pertencentes as culturas originais de cada um deles.

O sincretismo religioso é entendido como a ressignificação de trocas simbólicas que constroem uma identidade a partir da relação com outra. Shaw e Stewart (1994) citam o sincretismo na umbanda como forma de resistência do povo negro em relação às imposições da Igreja Católica, na tentativa de se relacionar ao kardecismo.

Dessa forma, o sincretismo pode ser ou se assemelha a uma forma de resistência dos dominados, na medida em que os valores de uma cultura hegemônica não são completamente absorvidos por meio de uma aculturação passiva. Os negros, inicialmente, procederam ao escamoteamento de suas crenças religiosas sob o manto da aparente devoção aos santos católicos. Isso configurou uma forma implícita de significativa resistência cultural, e concomitantemente, a preservação das raízes e tradições africanas, no que se refere, principalmente, as suas práticas e crenças religiosas.²⁶

Na comunidade Monte Santo, o que podemos registrar da presença umbandista são os dois terreiros de Umbanda: Tenda São Francisco e Tenda São Benedito, liderados atualmente por Silveria Pereira e Josefa Bueno, respectivamente. Todavia, o único terreiro funcionando abertamente com as atividades festivas hoje em dia é a Tenda São Benedito. Sobre sua trajetória na Umbanda, Josefa diz:

O meu entendimento foi sofrimento, porque eu não queria aceitar[...]. Eu seguia mais os meus caminhos e voltava de novo a sofrer. Dava umas febres, uns arrepios, ficava me sentindo mal. Então, quando me disseram que eu tinha que seguir um caminho que era os filhos e me encaminhando que eu deveria ser dona de um Barracão. Foi onde eu senti essa saúde que São Benedito me traz [...].²⁷

²⁶ SHAW, Rosalind; STEWART, Charles. Introduction: problematizing syncretism. In: STEWART, Charles; SHAW, Rosalind. *Syncretism/Anti-syncretism: The politics of religious synthesis*. Nova York: Routledge 1994)

²⁷ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.



Figura 06: Josefa Bueno frente ao seu terreiro São Benedito

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nesta figura, há o registro da expressão emocionada de Josefa Bueno ao ver seu barracão levantado, num espaço mais amplo para suas rezas e festividades religiosas. Analisando o início do seu processo, onde se encontrava em um pequeno quarto que não cabia nem uma cama, ainda nos anos 90. Ao chegar na comunidade Monte Santo, conseguiu organizar coletivamente todas as demandas para realizar sua missão de ter o seu próprio barracão, que foi construído em 2007, com a ajuda de alguns moradores da comunidade.

Trabalhando coletivamente, Josefa contou com o apoio incondicional do senhor Francisco de Moraes, considerado o primeiro artesão da comunidade. Seu Chico, conforme é chamado carinhosamente, chegou ao Monte Santo com 08 anos de idade, estava presente no dia da chegada da Santa Nossa Senhora da Saúde, momento em que conheceu dona Josefa e formou-se uma bela amizade.

Seu Chico é devoto de São Benedito e reconhecido como um grande auxiliar à Tenda liderada por Josefa Bueno desde o início do seu processo. Na construção, foi responsável por levantar boa parte da obra sendo auxiliar dos pedreiros. Além disso, seu Chico também contribui com o terreiro de Umbanda através do artesanato, na confecção

das telhas, alvenarias, carvão, esteiras, cestas, chapéus e seus conhecimentos com instrumentos musicais no momento das festividades religiosas.

[...] Eu fiz os adubos, levantei, retirei madeira, fiz a casinha que tá levantada e ainda hoje ta lá em pé. [...] Fiz o cruzeiro, faço a esteira. Comecei rebocar o altarzinho de São Benedito. Tá lá só o começo que eles levantaram a casa e não rebocaram. Aí a dona pediu pra mim ir rebocar pra assentar o oratório e eu disse que é só pra arrumar o cimento que eu vou lá rebocar.²⁸

Como afirma Solimar Oliveira, “nos terreiros de Umbanda, constitui-se prática religiosa a prestação de serviços sociais e comunitários. Essas práticas reforçam os vínculos dos terreiros com as comunidades nas quais estão inseridas.”²⁹ Sendo assim, atitudes como as do Seu Chico comprovam a demonstração de uma relação respeitosa e homogênea pertencente na comunidade.



Figura 07: registro do Seu Chico, à esquerda, tocando um dos instrumentos musicais utilizados nas giras da Umbanda.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

²⁸ MORAES, Francisco. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). 2023.

²⁹ OLIVEIRA, Solimar. **Trabalho e fé:** Ofícios e modos de fazer em terreiros de Umbanda e Candomblé. Editora Lótus Ltda. P.97, 2022.

Para Josefa Bueno, a Umbanda e o terreiro São Benedito representam muita luz, sabedoria e amor. É nítido pelas suas palavras que nem sempre permanecer no axé³⁰ é uma escolha, em alguns casos, é pela necessidade mesmo. Como é o exemplo da Maria Bueno, filha de Josefa, que, desde 2018, lidera junto a sua mãe o terreiro São Benedito.

Me ver seguindo os passos da minha mãe, no qual eu acho até curioso, uma vez que eu sempre batí no peito que eu não queria isso pra minha vida, mas não é escolha nossa. Cada dia que eu busco aprimorar o meu conhecimento, vejo que vale a pena. Que bom que estamos conseguindo fazer a diferença. Que bom que ela conseguiu mover essa pedra tão pesada na minha frente. Se eu tive dificuldades, imagine ela anos atrás. Espero que nossas gerações possam seguir esse exemplo.³¹

Com 37 anos de idade, Maria Bueno expressa nesse relato uma emoção sem tamanho no que diz respeito à sua trajetória. Em entrevista concedida, aborda sobre a experiência de ver sua mãe lutando contra tudo e todos para sustentar seus filhos e sua religiosidade com garra e coragem.



Figura 08: Josefa Bueno e Maria Bueno
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

³⁰ Vem do termo iorubá àṣé, que quer dizer “poder” ou “força”. Na fé dos iorubás – conservada no Brasil por religiões como o candomblé e a umbanda –, axé é a força sagrada carregada pelos orixás e a energia vital presente em todas as criaturas da natureza.

³¹ BUENO, Maria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Maio 2024.

Nesta imagem, Josefa Bueno à esquerda e Maria Bueno à direita, registrando o processo da passagem dos saberes afroreligiosos de uma geração à outra. Maria aprendeu desde pequena, através da oralidade, sobre a Umbanda e seus princípios. O processo de transmissão dos saberes para suas gerações é entendida como o pilar para se criar uma estrutura firme, repassada oralmente e concretizada através da experiência. Sobre a oralidade:

...a oralidade é uma das características fundamentais da cultura africana, especialmente nas sociedades tradicionais, é um modo de ser, de estar no mundo. Podemos considerá-la, na atualidade, como um importante instrumento metodológico para reconstituição e continuidade da história local, da história africana em terras brasileiras. Ela é imprescindível para a conservação da tradição, dos mitos, das lendas, das epistemologias dos seus diferentes povos e é por meio dela que a palavra faz-se elemento produtor da história, formador da comunidade, da pessoa e de tudo que existe. É com a palavra que se educa.³²

Portanto, é possível refletir através dessas palavras, uma representatividade na luta contra a intolerância religiosa e um símbolo de orgulho da negritude piauiense. Dentro dessa reflexão, Josefa Bueno aborda sobre a importância de reconhecer seus direitos e deveres como cidadãos:

A gente tem medo mas a gente vive prevenido. Pedindo a Deus para ir prevenindo sempre a rebater o preconceito. Em São Benedito a gente já é feito o CNPJ. Somos registrados já por falta de as vezes ter que se prevenir. Caso faltar algum preconceito pesado que nos ataca.³³

Percebe-se na comunidade Monte Santo a riqueza cultural em que cada história contada relata algo de impacto social positivo na luta contra o preconceito e a intolerância religiosa no Piauí e no Brasil. Apesar das mazelas que sofrem enquanto pessoas negras, da zona rural e representantes das religiões de matrizes africanas, cada entrevistado expressa uma reação inspiradora ao serem questionados sobre suas histórias individuais na comunidade.

³² MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana**: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza, Ed. Impreca, p.32, 2019.

³³ BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). 2024.

Considerações finais

As vivências religiosas abordadas pelos moradores da comunidade Monte Santo comprovam a pluralidade cultural e social em que vivem. Mesmo sendo uma localidade geograficamente pequena, contrapõem-se a todos os estereótipos negativos em relação às religiões de matrizes africanas. O presente trabalho dá ênfase aos moradores como sujeitos de suas próprias histórias, abordando sobre a cultura afro-brasileira a partir de suas narrativas interpessoais que completam a trajetória ancestral do Monte Santo.

A forte presença ancestral e afro-religiosa pode ser marcada pelo fato da primeira residência da comunidade pertencer a uma tenda umbandista. Zelada por Silveira Pereira, que deu continuidade ao legado de seu pai, primeiro residente do referido local. Além disso, a continuidade também é marcada pela trajetória de Josefa Bueno, responsável por levar a Santa Nossa Senhora da Saúde até o Monte Santo, seguindo assim, o legado de sua avó e sua tia na igreja católica, mas não deixando de cultuar suas crenças umbandistas, onde criou a Tenda São Benedito e seguiu zelando pelos dois templos religiosos.

Entretanto, as duas líderes afro-religiosas da Umbanda, demonstram em relatos, diferentes experiências em relação à comunidade. Enquanto Josefa se sente acolhida pelos moradores, Silveria diz que enfrentou várias dificuldades burocráticas em relação ao seu terreno, às suas doutrinas religiosas e principalmente ao apoio familiar. Percebe-se então, um descontentamento ao se referir à passagem do legado que seguiu do seu pai. Apesar disso, Silveria não deixou de cultuar suas crenças religiosas e fala com orgulho sobre sua ancestralidade. Assim, essas duas referências mantêm o papel de resistência e símbolo de fortalecimento para a comunidade em que vivem. Outro fator importante contemplado pelo Monte Santo, refere-se ao Morro Encantado, entendido e reverenciado como um espaço sagrado que fortalece as raízes de seus antepassados e une as religiões presentes na localidade como uma forte atividade ecumênica, possibilitando o diálogo e harmonia entre os cultos religiosos do catolicismo e da Umbanda.

Conclui-se então, que a forma com que as histórias individuais de cada um dos entrevistados completam a história coletiva do Monte Santo, colocando em pauta suas particularidades com a fé, força de vontade e esperança num futuro próspero, onde ressaltam o símbolo de resistência que a comunidade representa e contribuemativamente na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Nesta comunidade, as festividades religiosas, como as procissões e os rituais umbandistas, são momentos de celebração que fortalecem os laços entre os moradores e

reforçam o sentimento de pertencimento. A Tenda São Benedito e a igreja católica são mais do que locais de culto; são centros de encontro e resistência cultural, onde as tradições são passadas de geração em geração.

A história de Monte Santo é um testemunho da força da fé e da resiliência humana. Através das dificuldades enfrentadas por líderes como Josefa e Silveira, vemos a importância da preservação das tradições afro-brasileiras e o papel vital que desempenham na identidade da comunidade. Essas histórias não são apenas narrativas individuais, mas sim parte de um tecido maior que compõem a rica tapeçaria cultural de Monte Santo.

Essa sinergia entre diferentes tradições religiosas é um exemplo inspirador de como a diversidade pode ser um ponto de união e não de divisão. Através da aceitação mútua e do respeito pelas práticas religiosas alheias, Monte Santo constrói um modelo de convivência pacífica que poderia servir de exemplo para outras comunidades.

Por fim, as narrativas expressas neste trabalho não apenas documentam a história de Monte Santo, mas também servem como um farol de esperança para o futuro. Elas lembram a todos nós da importância de honrar nossas raízes, celebrar nossas diferenças e trabalhar juntos para um amanhã mais inclusivo e harmonioso.

Referências

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda:** uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2010.

FERRETTI, M. (2008). Encantados e Encantarias no folclore brasileiro. Anais seminário ações integradas em folclore,6, (pp. 1-6). São Paulo: Comissão Paulista de Folclore/Abaçáí Cultura e Arte. Recuperado em 13 de fevereiro de 2009, de <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Encantados%20e%20encantarias.pdf>

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991, p.44.

JORNALISMO, Poder360. Relatório aponta aumento da intolerância religiosa no Brasil. Poder 360. 23 de janeiro, 2023.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana:** ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza, Ed. Impreca, p.32, 2019.

MANOEL, Ivan. Ap. História, religião e religiosidade. Revista de cultura teológica, n. 59, p. 105-128, 2007.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidade. **História: Questões & Debates**, v.43, n.2, 2005.

OLIVEIRA, Solimar. **Trabalho e Fé:** Ofícios e modo de fazer em terreiros de Umbanda e Candomblé. Editora Lótus Ltda., 2022.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes antropológicos**, v.4, p.151-167, 1998.

SHAW, Rosalind; STEWART, Charles. Introduction: problematizing syncretism. In: STEWART, Charles; SHAW, Rosalind. **Syncretism/Anti-syncretism:** The política of religious synthesis. Nova York: Routlesge 1994)

Fontes orais

BUENO, Josefa. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Março. 2024.

BUENO, Maria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Maio. 2024.

MORAES, Francisco. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Dezembro. 2023.

PEREIRA, Silveria. Depoimento concedido a Vitória Josyelly Bueno Ribeiro. Francisco Ayres (PI). Abril. 2024.